**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**Instituto Tércio Pacitti**

**MATERIAL TEÓRICO DE EXEMPLO**

**Para Educação à Distância**

**Prof. José Antonio Borges**

**Um texto como este é o que será produzido pelo conteudista.**

**CAPÍTULO I – PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E SOCIEDADE: CONCEITOS BÁSICOS**

**MOTIVAÇÃO**

*Joana é professora, e em mais de 25 anos alfabetizou centenas de crianças naquela sofisticada escola da Zona Sul do Rio de Janeiro. Alguns de seus alunos hoje são muito bem sucedidos, alguns famosos, a maioria deles ricos.*

*Hoje é o primeiro dia de aula. As crianças estão em fila no pátio. As mães estão próximas, no lado direito do pátio, orgulhosas de seus filhinhos em lindos uniformes azuis e brancos.*

*Mas esta fila não tem só crianças pequenas: uma única mãe está no fim desta fila, e do lado dela, uma criança sorri olhando para o vazio.*

*– Oh, meu Deus, o garoto é cego!*

*... E agora o que é que eu faço???*

Joana é professora do ensino fundamental, mas poderia ser do ensino médio, superior ou pós-graduação - sua surpresa provavelmente seria idêntica.

Pense a respeito:

**Como professor, o que eu realmente quero (ou preciso) saber sobre deficiências?**

Aula 1.1 – Desenvolvimento das Pessoas com Deficiência ao longo da História

**Objetivo**

Descrever como a Humanidade evoluiu no sentido de dar maior respeito e oportunidade às pessoas com deficiências.

1. **Um pouco de história**

Se olharmos para a História, tentando visualizar como as pessoas com deficiência eram vistas nas diferentes sociedades, não vamos enxergar um quadro bonito. A cegueira, por exemplo, era tida como um castigo de Deus e um peso para sociedade, e assim, o indivíduo era em geral marginalizado ou morto. Ainda hoje, nas sociedades indígenas mais afastadas, quando nasce uma criança com deficiência, ela é deixada, recém-nascida, para ser comida pelos animais na floresta, com plena justificativa religiosa de alimentar os deuses.

*Nossa sociedade, dita evoluída, também faz suas barbaridades. Em muitos casos, quando a deficiência não é congênita, mas adquirida por um acidente ou velhice, a família com freqüência isola o indivíduo sob as mais variadas formas, desde a sua transformação em mendigo, no caso de pessoas pobres, até a reclusão permanente em casa ou em asilos, no caso de pessoas ricas.*

Até o século XVIII, não houve investimento social para suporte à educação e formação de pessoas com deficiência. Somente no século XIX começaram a surgir, em diversos lugares do mundo, escolas destinadas a pessoas com necessidades especiais. Uma das primeiras foi Escola dos Meninos Cegos de Paris, em que foi educado Louis Braille, que criou a técnica de escrita usada até hoje, modelo para a criação da primeira escola especializada brasileira: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant, em 1854 e do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos) em 1857, ambos no Rio de Janeiro.

Estas instituições espelhavam as características educacionais daquele momento histórico: era uma visão de escola segmentada pelas deficiências, e as crianças ou jovens ali se encontravam num mundo especial, com a formação escolar e o convívio social exclusivo, que visava primordialmente o bem-estar do indivíduo. O objetivo das instituições era geralmente profissionalizante, mas as profissões ensinadas entre uma gama muito pequena de opções (por exemplo, um cego seria músico, afinador de pianos ou professor de outros cegos). A base de funcionamento destas instituições era quase sempre o internato.

A evolução deste modelo teve como conseqüência o destaque cada vez maior aos aspectos médicos e psicológicos, onde os laudos e síndromes eram priorizados e as possibilidades individuais pouco exploradas. Em outras palavras, o indivíduo com deficiência seria o que a medicina (ou a ciência) dizia que ele poderia ser, e que definia a priori suas limitações e possibilidades. Essa visão, mesmo com todo desenvolvimento educacional ainda é muito forte até hoje em muitas instituições.

A situação das pessoas com deficiência no mundo ocidental começou realmente a se modificar nos anos 1970, com o regresso dos soldados feridos na Guerra do Vietnã aos Estados Unidos. Essas pessoas, muitas delas com problemas muito graves provocaram ações muito sérias e de grande repercussão e visibilidade contra o governo americano, já altamente impopular com a perda da guerra. Essas ações envolviam não apenas pedidos de indenização, mas especialmente visavam motivar o governo a criar leis específicas para garantia de participação social e de trabalho, e também a financiar pesquisas e apoiar ações que viessem a melhorar a vida das pessoas com deficiência criadas como conseqüência da guerra.

O resultado dessas ações mudou de forma radical a visão e as atitudes da sociedade para com as pessoas com deficiência. A incorporação destes dispositivos modificou a ontologia da cegueira, mudando o foco de “o que ele não pode fazer” para “o que ele pode fazer”. Passou-se de uma atitude paternalista, com base no provimento financeiro ao deficiente pela sociedade para uma nova visão em que esta pessoa deveria sempre ser transformada, através da educação e de oportunidades adequadas, em pessoas produtivas e integradas. Em outras palavras, a visão **segregacionista** em relação às pessoas com deficiência foi substituída por uma visão **inclusiva**.

A educação, que era parte fundamental neste processo, teve que sofrer um radical transformação. Em todo o mundo, até aquele momento, as pessoas com deficiência haviam sido colocadas à margem da educação: o aluno com deficiência, particularmente, era atendido apenas em separado ou simplesmente excluído do processo educativo que tinha por premissa que os alunos deveriam obedecer a padrões de normalidade.

Os novos paradigmas, entretanto, exigiam a integração e participação ativa das pessoas com deficiência no processo educacional convencional. A pessoa com deficiência deveria ter acesso e compartilhar de todos os ambientes e recursos educativos, sem segregação nem exclusão.

Para viabilizar estas mudanças, entram em cena novos personagens: a partir da segunda metade do século XX, um incrível número de artefatos tecnológicos foram criados, tendo como base a eletrônica (posteriormente a microeletrônica) e a computação. Esses artefatos vieram para amplificar o potencial de todas as pessoas, e em particular, daquelas com deficiência.

Este curso fala deste novo momento, em que a tecnologia começa a permear a educação e a vida das pessoas com deficiência, aumentando de forma extraordinária seus potenciais de crescimento pessoal e atuação social.

1. **PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM NÚMEROS, ou DEFICIENTE: O SER INVISÍVEL**

*Conversa sobre a notícia que o síndico trouxe: haveria uma cota extra para pagar a rampa de acesso que a Prefeitura obrigava a fazer no Prédio.*

*João para Luiza: "Quase não tem deficientes assim aqui, só aquela garota novinha que levou um tiro, lá do 4º andar. Mas o porteiro está bem orientado para ajudar quando ela precisar sair, segurando a cadeira de rodas ao descer os dois degraus da frente do prédio".*

*Luiza para João: "... não sei porque esta Lei, que onera a todos. Existem tão poucos deficientes na nossa cidade!"*

*João para Luiza: "Não, tem mais um, aquele do 503. É que faz tempo que eu não o vejo. Lembra, aquele que ficou paralítico porque sofreu um derrame.".*

Mas será que são tão poucos assim? Ou será que essas pessoas são invisíveis aos nossos olhos?

Na verdade são muitas pessoas com deficiência, veja as estatísticas

***Deficiências no Brasil em Números (Censo 2000)***

População Brasileira 169.799.170 100%

Total de deficientes 24.537.984 14.5%

Veja a estatística completa no quadro anexo.

Deficiência visual 16.573.937 9.8%

 Alguma dificuldade 14.015.641 8.3%

 Grande dificuldade 2.398.472 1.4%

 Incapaz de enxergar 159.824 0.1%

Deficiência motora 7.879.601 4.6%

 Plegias severas 955.287 0.6%

Deficiência auditiva 5.750.809 3.4%

 Alguma dificuldade 4.713.854 2.8%

 Grande dificuldade 860.889 0.5%

Incapaz de ouvir 176.067 0.1%

Deficiência mental permanente 2.848.684 1.7%

À primeira vista a estatística parece exagerada, pois não vemos ao nosso redor tantas pessoas deficientes assim. Pela estatística, um pouco mais que uma em cada dez pessoas de nosso convívio deveria ser deficiente. Será que está errada?

A resposta, infelizmente, é NÃO. Está absolutamente certa, e é coerente com outras estatísticas feitas em outros países. Então, onde estão esses tantos deficientes? Eles estão INVISÍVEIS ao nosso olhar social.

Há várias situações que explicam o fato de não vermos tantas pessoas copm deficiência no nosso dia-a-dia.

* Muitos são extremamente pobres – o que implica que são pessoas com problemas sociais em inúmeros aspectos, independentemente da deficiência.
* Muitos estão em casa, impossibilitados de sair devido a falta de acessibilidade - ex. pessoas com deficiência que moram em morros ou em barracos localizados em lugares de difícil acesso. \*\*

*\*\* Algumas entidades calculam que cerca de 70% dos deficientes são mantidos "fechados" pelas famílias. Por um lado, falta paciência para levá-los a passear ou realizar outras atividades; por outro, há dificuldades urbanísticas imensas – como calçadas esburacadas, falta de elevadores, de rampas e de acessos especiais para cadeiras de rodas e carência de transporte adaptado.[[1]](#footnote-1)*

* Muitos não possuem recursos financeiros suficientes para ter acesso às facilidades tecnológicas existentes - p. ex., sem dinheiro para pegar um táxi (pois quase não há ônibus adaptados), ou para pagar a conta de um telefone celular, ou para comprar um computador.
* Muitos são idosos - e mesmo sendo quase cegos ou surdos, os parentes não os classificam como deficientes.
* Muitos estão em asilos e hospitais - tendo sido propositadamente retirados da sociedade para seu conforto ou conforto dos outros.
* Muitos são isolados por preconceito social familiar - pessoas que não querem, sob muitas alegações, mostrar para a sociedade o filho deficiente
* O preconceito isola as pessoas – mesmo que uma pessoa com deficiência chegue a um lugar e se exponha, há uma alta probabilidade de que ela seja rejeitada. Então ela mesmo não quer se expor.
1. **PRECONCEITO E A INVISIBILIDADE**

O preconceito é um dos problemas mais sérios para as pessoas com deficiência. É fundamental que essas pessoas passem a ser vistas, e se habituem também com isso. Mas felizmente temos observado o esforço de muitas pessoas com deficiência, com algum apoio de instituições e dos órgãos de comunicação para transmitir uma imagem mais adequada desta participação social, que é tão importante. Um exemplo interessante é o surgimento de personagens de telenovela que são deficientes, felizmente mostrados de maneira positiva e leve, propiciando o repensar da sociedade sobre temas que eram tabus imutáveis.

Alimentados por preconceito, o medo e o despreparo são alguns dos elementos que fazem com que professores deixem de aceitar alunos com deficiência em salas regulares, a falta de consciência e convívio com a realidade dos chamados portadores de necessidades especiais, os fatores subjetivos acabam sendo o principal motor da exclusão social dessa grande parcela da população.

1. **ENVELHECIMENTO E DEFICIÊNCIA**

O envelhecimento é um tema muito importante como causa do aumento estatístico das deficiências. Hoje em dia, o avanço da medicina propicia um aumento do número de idosos. Muitos desses tendem a ficar incapacitados – ou menos capacitados – com dificuldade de caminhar, de ouvir, de enxergar, de lembrar-se das coisas, etc.

É muito importante pensar seriamente sobre isso: nós também ficaremos velhos, e provavelmente também nos tornaremos deficientes algum dia. Se já não somos...

.......

Restante do capítulo foi omitido

Bibliografia:

BRUNO, M. G. (org.). Introdução: saberes e práticas da inclusão. Série: Saberes e Práticas da Inclusão / Educação Infantil – 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003, disponível em <http://www.mec.gov.br/seesp>

FLORENCIO, J. Q., Os Avanços e as dificuldades da inclusão escolar de pessoas com

necessidades educacionais especiais – trabalho de conclusão de curso de Pedagogia –

UFRGS – 2010, disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37727>

1. http://www.webartigos.com/artigos/inclusao-e-exclusao-de-deficientes-na-sociedade/8301/ [↑](#footnote-ref-1)